

SOBRE O GRUPESSC: de uma perspectiva crítica sobre saúde, gênero e geração

On GRUPESSC: from a critical perspective on health, gender and generation

Ednalva Maciel Neves

Departamento de Ciências Sociais/Campus I e
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Pedro Nascimento

Departamento de Ciências Sociais/Campus IV
e Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal da
Paraíba (UFPB).

RESUMO. Discutimos as possibilidades de criação de redes em antropologia da saúde a partir de um caso específico, o Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (Grupessc/UFPB). Consideramos que pensar o Grupessc permite explorar elementos que nos afinam em termos de: relação entre pesquisadores, orientandos, simpatizantes, temas, objetos, informantes, tensões da pesquisa, eventos, publicações, e inclusive nossa capacidade de formação de novos pesquisadores. Por outro lado, suscita uma reflexão sobre políticas de ciência, considerando os temas e projetos desenvolvidos, articulações com outros pesquisadores brasileiros e internacionais. Tomamos como ponto de partida entrevistas realizadas com os pesquisadores fundadores do grupo refletindo, desde esse momento fundador, as tensões e estratégias dos integrantes para enfrentamento do cotidiano na universidade e nas pesquisas. O texto traça, em um primeiro momento, a relação entre pesquisadores e temas de pesquisa, acionando o acesso aos recursos e agências fomentadoras; em seguida, abordamos o cotidiano do grupo e das relações entre seus integrantes como estratégias de exercício da interlocução e reflexão teórica, enquanto momento de trocas e provocações mútuas, quando afetividade se torna um sentimento de autoreconhecimento.

PALAVRAS-CHAVES: Grupessc. Produções de conhecimento. Redes de pesquisa. Antropologia da Ciência.

ABSTRACT: We discuss the possibility of the creation of a network related to health anthropology from an specific case, the Research Group in Health, Society and Culture (Grupessc/UFPB). We consider that Grupessc allows us to explore elements that bond us in term of: relationship between researchers, tutored students, supporters, themes, objects, informers, tensions of the research, events, publication and even our capacity in the formation of new researchers. On the other hand, it raises a reflection about science

politics by considering themes and projects developed, links with other brazilian and international researchers. We take as starting point interviews made with founding members of the group analysed from this founding moment, the tensions and strategies of the members to deal with everyday confrontation in the university and in the researches. The paper maps the relation between researches and research themes, activating the access to resources and funding agencies; in a second moment, we approach the routine of the group and the relationship between its members as strategies of the exercise of interlocution and theoretical reflection as moment of exchange and mutual affront when affectivity becomes a feeling of self recongnition.

KEYWORDS: Grupessc. Knowledge production. Research network. Science Anthropology.

INTRODUÇÃO

Pensar as Redes de Antropologia da Saúde¹ foi um desafio muito instigante, visto que consiste em ponderar, como diz Latour (2000), sobre uma conjunção de interesses de pesquisadores envolvendo um modo de conhecimento – a antropologia – e um tema de reflexão – a saúde e suas diferentes possibilidades, com todas as implicações que incide sobre práticas de pesquisa: projetos, protocolos, financiamentos, alianças, controvérsias etc. Por isso, tomamos a liberdade de considerar o nosso Grupo de pesquisadores como um microcosmo a partir do qual se pode pensar sobre afinidades, projetos, recrutamentos, alianças, estratégias, formação e como o fazer antropológico se torna possível.

Ao mesmo tempo, tomar o Grupessc (Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura) como domínio de reflexão tem inspiração no já clássico texto de Marilyn Strathern intitulado *Os limites da Autoantropologia* (2014[1987]), a partir de duas ideias centrais. Uma relacionada com a compreensão acerca da chamada “antropologia feita em casa”, que exige do antropólogo “maior reflexividade”, e a sensibilidade no uso dos “métodos e ferramentas de análise”. A este respeito nos deparamos com o fato de que “estar em casa” é o lugar no qual estamos imbricados em termos de práticas profissionais e afetivas em relação aos colegas com os quais convivemos no Grupo.

¹ Uma primeira versão desse texto foi apresentada na Mesa Redonda Redes de Antropologia da Saúde integrando a programação da 2ª Reunião de Antropologia da Saúde – RAS, ocorrida entre os dias 8 e 10 de novembro de 2017 em Brasília/DF. Agradecemos os comentários feitos por ocasião da apresentação assim como as sugestões e comentários posteriores de Marcos Castro Carvalho.

A outra reflexão parte da noção de que este trabalho deve nos indicar elementos para pensar sobre “as concepções” que temos de nós mesmos, aplicado “igualmente à etnografia e à análise antropológica” que nos aventuramos a realizar. Ao devolver ao Grupessc as concepções que esboçamos acerca de nós abrimos uma perspectiva de reflexão sobre as relações entre os integrantes, enquanto pesquisadores envolvidos na produção de conhecimento, mas também nas possibilidades do devir enquanto grupo em termos de temas, conceitos, métodos, financiamentos, parcerias e tantas outras expectativas possíveis. Elementos que se tornam importantes para ponderarmos sobre a antropologia que estamos fazendo, as trocas e parcerias entre nós e entre nós e os Outros (interlocutores e aqueles situados em espaços fora da academia).

Neste sentido, a provocação para a produção desse texto foi levantar a gênese do Grupessc e seus desdobramentos, em termos da incorporação criativa de outros pesquisadores e temáticas, no contexto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Outro aspecto importante envolve o sentido de “saber onde a casa fica”, como Strathern nos alerta, e não assumir a perspectiva dualista entre centro e periferia na distribuição dos pendores da política científica no Brasil (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988).

O desafio que nos foi colocado esteve relacionado à ideia de trazer uma reflexão de um processo social que é recente na experiência deste grupo de pesquisadores, que é o Grupessc, e que completa em 2018 uma década de existência. Além desse feito, estava em jogo escapar da descrição linear e uniforme do que no cotidiano se caracteriza como a reunião de pesquisadores em torno de temas e de autores com quem se afinam. Pensar o Grupessc é explorar os elementos que nos aproximam em termos de: relação entre pesquisadores, orientandos, simpatizantes, temas, objetos, informantes, tensões da pesquisa, eventos, publicações, e inclusive nossa capacidade de formação de novos pesquisadores.

Por outro lado, pensar o Grupessc é trazer uma reflexão sobre políticas de ciência, em termos dos temas eleitos para financiamento de projetos, das instâncias financiadoras de pesquisas, das articulações com outros pesquisadores brasileiros e internacionais. É também pensar a formação e a possibilidade de inserção dos formados em pós-graduação, assim como na docência.

Para organizar essa experiência recente, tomamos como ponto de partida entrevistas realizadas com os pesquisadores fundadores do grupo: Fátima Araújo, Artur Perrusi, Mônica Franch e Luziana Silva. A intenção foi pensar desde esse momento

fundador as tensões e estratégias dos integrantes para enfrentamento do cotidiano na universidade e nas pesquisas.

Por isso, esse texto se compõe em dois momentos: um que traça essa relação entre pesquisadores e temas de pesquisa, acionando o acesso aos recursos e agências fomentadoras; outro que traça o cotidiano do grupo e das relações entre seus integrantes como estratégias de exercício da interlocução e reflexão teórica, enquanto momento de trocas e provocações mútuas, quando afetividade se torna um sentimento de autorealização.

DAS ORIGENS: SOBRE UM “VIÉS IMPLICADO” OU UMA ANTROPOLOGIA ENGAJADA

No diálogo com os fundadores do Grupessc fica clara a relação entre o surgimento do grupo e a elaboração do projeto e o desenvolvimento da pesquisa sobre casais sorodiscordantes, atendendo a um edital Unesco/MS em 2008, voltado à pesquisa na região nordeste, onde teve a participação de Ivia Maksud (Fiocruz), que foi consultora do projeto. Segundo relato dos pesquisadores, este foi um dos momentos de conjugação de interesses entre os pesquisadores, quando a disponibilidade da informação sobre o edital e a preocupação com a pesquisa sobre HIV na Paraíba confluíram para a elaboração e proposição do projeto de pesquisa².

O grupo reconhece que a possibilidade de realização da pesquisa se deu pela disposição em fazer trabalho colaborativo, trabalho em grupo. Esta disposição permitiu a articulação inicial entre Mónica Franch, antropóloga, Artur Perrussi e Fátima Araújo, sociólogos, integrantes do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, e posteriormente, Luziana Silva, naquele momento doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Os relatos indicam que esse momento é marcado também pela configuração de uma equipe de pesquisadores e inclusão de alunos do curso

² Partindo do campo específico de estudos sobre HIV/Aids, o edital estimulava a produção na região Nordeste, que estava àquela época (e ainda está) sub-representada no conjunto das pesquisas nacionais sobre a epidemia. Uma das linhas previstas incluía questões "comportamentais", abrindo espaço para a proposta de estudos na área das ciências sociais. A escolha inicial do tema sorodiscordância veio de uma sugestão de Ivia Maksud que trabalhava na ABIA e pesquisava o tema em seu doutorado (MAKSUD, 2007). A ABIA esteve presente em diferentes momentos da pesquisa, inclusive no seminário sobre sorodiscordância organizado pelo Grupessc junto à Prefeitura de João Pessoa.

graduação em Ciências Sociais da Universidade. Entre quinze e vinte alunos participaram desta experiência na condição de auxiliares de pesquisa. Alguns deles se tornaram orientandos dos seus preceptores, quando cinco deles (Clareanna Santana, Luana Cunha, Lindaci Loiola, Juliana Nascimento, Artur Guimarães e Átila Carvalho) ingressaram na pós-graduação. Hoje, além do ingresso na docência de Luziana Silva na UFPB (vinculada ao Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE/Campus IV), dois são professores (Luana e Clareanna) de Sociologia no ensino médio. Outros ainda estão em formação de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPB e em outras instituições federais.

O fato de o Grupessc ter surgido com o projeto sobre sorodiscordância reflete a convergência de pessoas das ciências sociais com interesse em pensar a saúde, propiciando recrutamento e adesão dos integrantes a um *estilo de pensamento* no entendimento de Fleck (2005), pela articulação entre conhecimento e práticas de pesquisa, configurando um coletivo em torno da etnografia como condição de acessar os processos sociais mediados pelas concepções de doença, comportamentos sociais, movimentos sociais e práticas de intervenção. Cabe pensar como, reflexivamente, se institucionaliza uma vocação dedicada à multiplicidade, aos diálogos extramuros da academia e à capacidade formativa dos pesquisadores, cristalizando “o modo como têm sido concebidos ou construídos os objetos de reflexão”³.

Ao mesmo tempo foi uma questão de estratégia: a pesquisa exigia contatos institucionais dentro e fora da universidade, tendo em vista que contava com um orçamento alto e um grupo grande de pesquisadores que demandava espaço para trabalhar. Dito de outra forma, garantir a realização da pesquisa envolvia estabelecer redes de relações com pesquisadores da UFPB atuantes na área da saúde - como os pesquisadores da área da Saúde Coletiva, cuja abordagem contempla perspectivas sociais e políticas -, assim como com outros atores, em particular dos movimentos sociais e dos serviços de saúde que atuam na interface entre cuidado e conhecimento. Desta forma, a construção de redes tornou-se um instrumento estratégico na viabilidade

³ Dialogando com Carrara (1994), a experiência do Grupessc como espaço disciplinar de exercício da pesquisa é emblemática para pensar a consolidação e institucionalização da antropologia da saúde no Brasil, a partir da articulação entre temas emergentes na Antropologia brasileira, tais como “grupos marginalizados” (p.35), e aqueles que enfocam as experiências sociais vividas a partir da corporeidade, do adoecimento, das tecnologias de poder e formas de intervenção.

da pesquisa tanto em termos logísticos quanto em termos institucionais assegurando a aproximação com diferentes interlocutores da pesquisa.

Desde a elaboração do projeto, indicam os fundadores, já estava colocado o objetivo de criação de um grupo de pesquisa com uma perspectiva socioantropológica. Deve-se levar em conta um contexto na UFPB no qual havia poucos pesquisadores de dentro das ciências sociais que desenvolvessem pesquisas relacionadas ao tema da saúde - até então de domínio exclusivo da biomedicina e da saúde coletiva. Naquela época, mesmo um grupo grande de pesquisadores das ciências sociais não tinha peso institucional para criar um grupo de pesquisa com esse foco.

A vinculação de Fátima Araújo com o Nesc (Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva⁴) fez com que o Grupessc fosse alocado inicialmente nesse núcleo. Apesar de se considerar que o Grupessc poderia ser um dos grupos dentro do Nesc, aquele terminou por manter dinâmica própria, sendo um grupo separado, no sentido de uma reunião de pessoas pensando a saúde fora de uma abordagem biomédica. A primeira sede do Grupessc foi numa sala do Hospital Universitário Lauro Wanderley, em razão do tamanho da equipe, concedida pela Diretora do Centro de Ciências da Saúde, à época. Se, por um lado, a ancoragem na unidade hospitalar representava um acordo pragmático para a equipe de pesquisa, por outro lado, correspondia ao exercício de legitimidade do “lugar” da pesquisa quando se trata de saúde e doença, em termos de um diálogo controlado sobre abordagens externas aos temas de domínio biomédico e o hospital tomado ideologicamente como espaço social de exercício da medicina e de tudo que lhe diga respeito.

Ao mesmo tempo, o Grupessc, desde o início, tinha propósito/desejo/intuito de futuro que incorporasse outras pesquisas, ampliando o leque de investigações e abordagens sobre saúde e doença.

Assim, o retorno ao Departamento de Ciências Sociais/CCHLA não só fortalecia a institucionalização da área das ciências sociais e saúde, mas também favorecia a autonomia dos pesquisadores no domínio da pesquisa para além do espaço hospitalar, incluindo a interlocução com gestores municipal e estadual de saúde. Este deslocamento foi fulcral na aproximação com outros pesquisadores, como se verá adiante. Por outro

⁴ O NESC foi instituído em 1988, conforme Resolução nº 26/96/CONSEPE, atualmente situado no Centro de Ciências da Saúde, tem ancorado pesquisas e pesquisadores reunidos em torno de uma perspectiva crítica sobre temas e políticas de saúde. A seu respeito ver: http://www.ccs.ufpb.br/nesc/?page_id=59

lado, representou um distanciamento do NESC e de seus pesquisadores, na medida em que se mantém a hierarquia entre campos disciplinares (SARTI, 2010).

O nome Grupessc surgiu da intenção de demarcar uma especificidade na abordagem dos temas de pesquisa para além do campo biomédico, articulando as três disciplinas envolvidas inicialmente: **Saúde** (Saúde coletiva); **Sociedade** (Sociologia); **Cultura** (Antropologia). Desde a proposição do nome, criar o grupo tinha uma dimensão política de marcar espaço. Criar um grupo visava também uma almejada autonomia em relação ao Departamento de Ciências Sociais (DCS) e à Pós-Graduação em Sociologia (àquela época ainda não existia a pós-graduação em Antropologia no DCS). O fato de o Nesc estar muito aberto à sociologia e ciências sociais colaborou para essa tentativa de autonomização institucional.

Outro aspecto relevante da composição do Grupessc consistiu numa inflexão significativa, nos termos de Fátima Araújo, nos modos de produção de conhecimento. Para ela, a pesquisa e a criação do Grupessc marcam a passagem de uma tradição de análise macrossociológica de políticas para uma perspectiva microssociológica, na qual a experiência dos interlocutores tornou-se central na compreensão das realidades estudadas.

Ainda sobre o enfoque de pesquisa, acrescenta-se o caráter de um fazer científico baseado na socialização do conhecimento. Fátima Araújo afirma que “até os sufocos” eram vividos em grupo. Lembra ainda que as reuniões de pesquisa permitiam a socialização do cotidiano de trabalho de modo ampliado e não fragmentado, na medida em que se relatava o dia-a-dia da investigação por cada pesquisador. Outra característica que marcou sua experiência foi a seleção de temáticas que despontaram da investigação e que, no seu entendimento, partiu das motivações dos pesquisadores e também instigou seu interesse pelo “segredo” enquanto objeto de estudo.

Resumidamente, os fundadores apontaram para princípios relevantes nas suas práticas de pesquisa, que poderíamos caracterizar da seguinte forma: 1) exercício da pesquisa articulado ao domínio extramuros institucional na compreensão das relações entre ciências sociais e saúde, em particular com gestores em saúde e movimentos sociais; 2) a proposição de institucionalização do grupo de pesquisa, porém fortalecendo a autonomia dos pesquisadores na produção de conhecimento; 3) fazer científico orientado pelo “viés implicado”, como relatado por Mónica Franch, para enfatizar o compromisso social e a produção de conhecimento associado aos saberes dos

movimentos sociais e dos interlocutores da pesquisa; 4) práticas de conhecimento marcadas por sua socialização, garantindo a interlocução entre pesquisadores do grupo de modo a fortalecer o processo de construção de saberes e de atuação na formação de cientistas sociais.

Passado esse tempo, e a despeito da importância do Nesc na criação do grupo, considera-se que a característica principal do Grupessc está consolidada hoje no âmbito das Ciências Sociais. Do ponto de vista conceitual, a abordagem socioantropológica desenvolvida pelo Grupessc reforçou o lado interdisciplinar da discussão sobre saúde. Ao mesmo tempo, a pesquisa reforça um posicionamento dos professores envolvidos em sua criação sobre o papel do professor na universidade como sendo a de um pesquisador em diálogo constante com a sociedade civil.

Este aspecto se evidenciou desde o início quando no seminário onde foram apresentados os resultados da pesquisa houve interlocução, ao mesmo tempo, com o movimento social, as pessoas vivendo com o HIV/Aids e a gestão em saúde. Isto colocava a necessidade de costurar academicamente conhecimentos que eram complementares, mas diferentes. Por exemplo, as pessoas ligadas às ONGs tinham uma visão sobre assistência à saúde, público e privado, diferente daquela que tinha a gestão pública. Questões ricas que problematizaram também o papel do pesquisador nesses fóruns e emergiram na divulgação da pesquisa, sobretudo.

Este contato com o movimento social foi central para o desenvolvimento do projeto, marcado, inclusive, por críticas. Por exemplo, nesse mesmo seminário do primeiro projeto, os representantes de movimentos sociais avaliaram que a pesquisa havia focado apenas as experiências de casais sorodiscordantes heterossexuais. Isto acabou definindo o objeto de pesquisa do segundo projeto desenvolvido a partir desse recorte, porém dessa vez os interlocutores seriam os casais homossexuais.

Dessa forma, podemos dizer que, desde o projeto sobre sorodiscordância, o Grupessc articula temáticas emergentes com preocupação política. As questões de cidadania, direitos, preconceitos, desigualdades estiveram sempre presentes, tomando a saúde em uma perspectiva, pensada como direito e não só controle, obrigação, disciplina. Essa perspectiva caracteriza nossa atuação senão como aplicada, certamente implicada. Uma “antropologia que se mela”, se envolve com as questões que pesquisa, nos termos de Mónica Franch, e faz do Grupessc, nas palavras de Ednalva Neves, um “espaço de autoprovação teórica e reflexiva”.

HOJE, INCORPORANDO SEM PERDER A IMPLICAÇÃO

Esses questionamentos convergem para o que, do ponto de vista conceitual e epistemológico, caracteriza o Grupessc, além dessa compreensão particular sobre o que é o saber acadêmico: um ponto de partida que leva em conta as desigualdades, associado às preocupações foucaultianas sobre o saber e o poder no campo da saúde; regimes de verdade; tecnologia, além de uma noção de risco como construção social.

Essa perspectiva dialoga também com autores como, por exemplo, Bruno Latour e Donna Haraway no sentido de que não há um pesquisador separado daquele contexto que se quer observar. Para Latour (1999), conhecer algo do ponto de vista epistemológico é pensá-lo como inseparável da moral e da política. Se a necessidade de conhecer tem sido classicamente acompanhada pela necessidade de controlar a natureza “anárquica”, Latour propõe romper a cadeia de dominação que o conhecimento gera. Para tanto é preciso perder o medo de “não dominar a realidade”. Aliás, segundo este autor, apenas aqueles que acreditaram ou acreditam que a realidade é algo separado do “olho que vê” podem percebê-la como sendo algo a ser “dominado”.

Essa problematização da ciência apoiada numa divisão entre sujeito e objeto, externo e interno, natureza e cultura está presente também na reflexão de Donna Haraway, que não propõe uma saída definitiva e tranquila, mas um exercício de não fugir às contradições e desafios da produção do conhecimento. Ao mesmo tempo em que critica, também se identifica com a divisão do mundo em nós e eles, pois, segundo ela, eu não ‘descubro’ ou ‘crio’ o objeto, eu ‘converso’ com ele. Fazendo uma crítica do relativismo simplista, entende que o relativismo é o outro lado da moeda do olhar totalizador: “O relativismo e a totalização são, ambos, ‘truques de deus’, prometendo, igualmente e inteiramente, visão de toda parte e de lugar nenhum, mitos comuns na retórica em torno da Ciência” (HARAWAY, 1995, p. 24). Opõe-se a um construcionismo radical – pois tudo é uma questão de poder, não de verdade e é “na política e na epistemologia das perspectivas parciais que está a possibilidade de uma crítica objetiva, firme e racional” (HARAWAY, 1995, p. 24).

As temáticas e olhares no Grupessc se ampliam com a chegada de outros pesquisadores à UFPB o que contribuiu para a consolidação do núcleo e diversificação temática: Ednalva Neves, Marcia Longhi, Pedro Nascimento. É nessa direção que em nossas pesquisas temos aberto frentes de diálogo com usuários de serviços, pessoas

vivendo com HIV/aids, profissionais e pesquisadores em saúde, associações (como as de diabéticos), além de um diálogo constante com os serviços de forma geral e a gestão em seus diferentes níveis. A este respeito, Luziana Silva permanece numa cruzada de compreensão das relações que envolvem pessoas vivendo com HIV, gestores e serviços de saúde a partir da cidade de Rio Tinto, localizada no litoral norte da Paraíba. A complexidade da localidade inclui a convivência com a sociedade Potiguará.

Mónica Franch igualmente tem dado continuidade às pesquisas em HIV/Aids, com projetos em andamento sobre criminalização da transmissão e vivência da cronicidade. Tem feito incursões etnográficas no campo das migrações em relação ao HIV/Aids e questões ligadas a políticas de gênero e diversidade sexual, acompanhando os sujeitos de pesquisa que se deslocaram do campo Aids para as diversidades em termos de gênero e sexualidade.

As formações de alguns pesquisadores na área da saúde (Ednalva e Artur) apontam para diferenças não apenas epistemológicas, mas também de formação profissional. Criar o Grupessc tem a ver com buscar a produção de um conhecimento circular, espiral, que também dialoga com outros conhecimentos. Dito de outra forma, somos provocados a perceber que as diferenças entre os vários conhecimentos disciplinares são de natureza epistemológica, mas não ontológica, como, por exemplo, o caso das áreas *psi*, de onde vem Artur.

Ednalva Neves traz algumas reflexões acerca das experiências de adoecimento de longa duração, como o diabetes e a doença falciforme, entrelaçando desigualdades e diferenças. Outras preocupações se voltam para a biomedicina, abordando criticamente as relações entre práticas de produção de conhecimento e práticas de saúde a partir da articulação entre genética, aconselhamento genético e risco.

As pesquisas de Marcia Longhi articulam uma discussão acerca das relações entre gerações, cuidado e saúde provocando-nos sobre a dimensão significativa que o cuidado tem assumido a partir de uma perspectiva de gênero. Assim, numa perspectiva feminista, enfatiza o lugar que o feminino tem assumido em relação ao cuidado e suas interfaces com a saúde, problematizando o caráter e o sentido atribuídos pelos interlocutores/interlocutoras em diferentes contextos socioculturais.

Também com preocupações calcadas em uma perspectiva de gênero e feminista, Pedro Nascimento tem aportado uma discussão sobre as políticas públicas e seus cruzamentos com família e gênero. Tem se dedicado a refletir como esse campo de ação

governamental reforça a percepção das mulheres como cuidadoras e responsáveis pelo alcance das metas estabelecidas pelo Estado, seja na área da saúde ou da assistência social.

Todos os projetos de pesquisa dos integrantes passam por relações com movimentos sociais e gestão de saúde, seja numa perspectiva mais formal, seja ainda em processo informal de interlocução. Muitos interlocutores passam a compor o cotidiano da academia e ingressam na discussão sobre ciências sociais e saúde, em termos das reuniões do grupo, das disciplinas ministradas nos Programas de Pós-Graduação, eventos e outros espaços de aproximação possível.

Talvez um dos desafios atuais do Grupessc seja ampliar esse contato com pessoas de fora das ciências sociais, da área de saúde, por exemplo. Isto é particularmente urgente se levarmos em conta que vamos começar a nos deparar brevemente com as consequências do que está ocorrendo no campo da saúde agora, em termos programáticos e estruturais. A comemoração dos 10 anos do Grupessc pode servir para reaver a pretensão inicial de ser mais aberto ao contato com os profissionais de saúde.

Desde a formação da equipe para a realização da pesquisa inicial, o Grupessc tem sido um campo de formação de pesquisadores em vários níveis, na graduação e pós-graduação. Tem se configurado também em um campo para as supervisões de pós-doutorado desde o PNPD, projeto que assumimos no período de 2011-2016. Marcos Carvalho, um dos bolsistas chegados em 2017 está também vinculado ao nosso núcleo, com pesquisa sobre corpo, gravidez e novas tecnologias da reprodução e recebemos ainda Elisângela Maia Pêssoa, professora da Universidade do Pampa/UNIPAMPA, pesquisando sobre Doença de Alzheimer, envelhecimento e gestão de risco.

Em termos de projetos mais amplos, reconhecemos que essa formação continuada poderia se institucionalizar em um formato diferente como a criação de pós-graduação *lato sensu* e mesmo um mestrado profissional. O mestrado profissional tem potencial para incrementar a característica de articulação do Grupessc com a sociedade civil, que tem sido uma de suas marcas desde sua criação.

A primeira Reunião de Antropologia da Saúde (RAS)⁵, em 2015, significou um ponto alto nesse processo de construção de conhecimento sobre saúde a partir das ciências sociais – agora marcadamente da Antropologia – ao mesmo tempo em que mantendo a perspectiva de produção de redes e diálogos interdisciplinares em nível local, nacional e internacional. Igualmente o Grupessc teve uma participação importante nos seminários organizados pelo Mandacaru (Núcleo de Pesquisas em Gênero, Saúde e Direitos Humanos – UFAL), entre 2010 e 2015, que funcionaram como uma rede de pesquisadores no campo da saúde e temas afins, de diferentes instituições das regiões Nordeste e Centro Oeste.

Avaliamos que algumas de nossas fragilidades têm a ver com o fato de que as demandas da vida acadêmica de cada colaborador do núcleo nem sempre convergem para atividades do coletivo, embora haja convergência em termos temáticos. Consideramos importante que sejam criados projetos de pesquisas coletivas, inseridas em um projeto mais amplo que articule os pesquisadores. Isto não tem acontecido, a despeito de continuarmos recebendo alta procura de estudantes na pós-graduação pelo tema de saúde.

Cabe ressaltar que o Grupessc começou com a articulação entre uma informação e um interesse comum de pesquisa entre pessoas que atuam na produção de conhecimento diferenciado. Nosso desafio é permanecer construindo redes em que a produção e circulação de conhecimento seja um princípio nas nossas relações com nossos interlocutores e com outros pesquisadores afinados em uma “conversa” sobre experiências de estar no mundo.

Por fim, mas não menos importante, o Grupessc também é um espaço afetivo, e não só teórico e reflexivo. Uma característica que acreditamos fazer com que ele funcione pelo fato de o trabalho ser feito com pessoas com quem gostamos de trabalhar.

⁵ As mesas redondas e demais trabalhos apresentados na I Reunião de Antropologia da Saúde/2015 foram reunidos em uma publicação que contempla não só os integrantes do Grupessc, mas os pesquisadores de outras instituições com os quais mantemos uma interlocução (NEVES; LONGHI; FRANCH, 2018).

REFERÊNCIAS

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1988. (Biblioteca Tempo Universidade; n. 83).
- CARRARA, Sergio. Entre cientistas e bruxos: ensaio sobre os dilemas e perspectivas da análise antropológica da doença. In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. S. (Orgs.). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Edit. Fiocruz, 1994, p. 33-45.
- FLECK, Ludwik. **Genèse et développement d'un fait scientifique**. Paris: Éds. Flammarion, 2005.
- FRANCH, Mónica; PERRUSI, Artur; ARAÚJO, Fátima; SILVA, Luziana. (Orgs.) **Novas abordagens para casais sorodiferentes**. João Pessoa: Grupessc/Ed. Manufatura, 2011.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas/SP, 1995, p. 7-41.
- LATOUR, Bruno. Você acredita na realidade?. In: **A esperança de Pandora**. Edusc: Bauru/SP. 1999, p. 13-37.
- LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 13-37.
- MAKSUD, Ivia. **Casais Sorodiscordantes: conjugalidade, práticas sexuais e HIV/AIDS**. 2007. 259f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- NEVES, Ednalva M.; LONGHI, Marcia R.; FRANCH, Mónica. **Antropologia da saúde: ensaios em políticas da vida e cidadania**. João Pessoa: Mídia; Brasília: ABA Pub., 2018
- SARTI, Cynthia. Corpo e doença no trânsito de saberes. **RBCS**, v. 25, n. 74, p.77-90, outubro de 2010.
- STRATHERN, Marilyn. Os limites da Autoantropologia. In:_____. **O Efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p.133-157.